

Tempo, modo e modalidade: uma análise das modalidades deôntica e volitiva e as noções de futuridade

André Silva Oliveira*
UFC

Recebido em: 11/04/2019

Aceito em: 15/09/2019

Resumo: Neste artigo, analisamos as categorias tempo, modo e modalidade, especificamente, as modalidades deôntica e volitiva, e a relação de ambas com a noção de futuridade. Para isso, optamos pelos discursos de investidura proferidos, nas eleições de 2016, pelo candidato a primeiro ministro do governo espanhol, Pedro Sánchez. Após a análise dos discursos, constatamos que as modalidades deôntica e volitiva, instauradas no presente do indicativo, diferenciam os atos ilocutórios articulados por meio do futuro simples, respectivamente, em diretivo e optativo, propiciando, segundo Giomi (2010), em uma distinção semântica entre futuro deôntico e futuro volitivo.

Palavras-chaves: Língua Espanhola. Modalidade. Futuridade.

Resumen: En este artículo, analizamos las categorías tiempo, modo y modalidad, específicamente, las modalidades deôntica y volitiva, y la relación de ambas con la noción de futuridad. Para ello, optamos por los discursos de investidura pronunciados, en las elecciones de 2016, por el candidato a primer ministro del gobierno español, Pedro Sánchez. Después del análisis de los discursos, constatamos que las modalidades deôntica y volitiva, instauradas en el presente del indicativo, diferencian los actos ilocutivos articulados por medio del futuro simple, respectivamente, en directivo y optativo, propiciando, según Giomi (2010), en una distinción semântica entre futuro deôntico y futuro volitivo.

Palabras claves: Lengua Española. Modalidad. Futuridad.

Abstract: In this article, we analyze the categories tense, mode and modality, specifically, the deontic and volitive modalities, and the relation of both with the notion of futurity. For this, we opted for the investiture speeches given in the 2016 elections by the prime minister candidate of the Spanish government, Pedro Sánchez. After the analysis of the discourses, we find that the deontic and volitive modalities established in the present indicative differentiate the illocutionary acts articulated by means of the simple future, respectively, in directive and desiderative, propitiating, according to Giomi (2010), in a semantic distinction between deontic future and volitive future.

Keywords: Spanish Language. Modality. Futurity.

Introdução

O presente trabalho objetiva-se em descrever e analisar as categorias tempo, modo e modalidade, especificamente, as modalidades deôntica e volitiva, e as noções de futuridade, designadamente, os futuros deôntico e volitivo, em discursos de



investidura. Consideramos que as modalidades deôntica (eixo da conduta) e volitiva (eixo da volição) podem conduzir a uma leitura dos atos ilocutórios, que elas tomam por escopo, em diretivo ou optativo, conforme Giomi (2010), a partir do emprego do futuro simples do espanhol em termos da deonticidade (ato ilocutório diretivo) ou volitividade (ato ilocutório optativo) expressas pelo falante ao formular o seu discurso. Para tanto, analisamos os discursos de investidura que foram proferidos pelo candidato a primeiro ministro, Pedro Sánchez, nas eleições de 2016, já que há uma propensão de uso das referidas modalidades no que diz respeito às obrigações e deveres (modalidade deôntica) que são inerentes tanto a sua pessoa quanto aos demais membros que compõem o Parlamento Espanhol ou à manifestação das intenções ou pretensões do candidato acerca do que lhe parece desejável ou indesejável (modalidade volitiva) em relação às ações políticas intencionadas ou pretendidas para o seu futuro governo.

Dessa forma, propomos um estudo que se ancora na inter-relação entre a categoria modalidade e a futuridade, no intuito de averiguar como as modalidades deôntica e volitiva projetam as noções de futuridade no que concerne aos eventos sobre os quais incidem as atitudes modais, respectivamente, obrigação e volição. Pautamos que a noção de futuridade está ancorada com base no conteúdo semântico dos enunciados modalizados, que situam o valor modal para o momento da enunciação, ainda que o evento se dê em um momento posterior (prospecção futura). Em outras palavras, os modais deônticos e volitivos funcionam como um indicativo (implicatura) de futuridade, em que a performatização do evento projetado para o futuro é resultado daquilo que é obrigatório (*dever-fazer*) ou da intenção própria do candidato (*querer-fazer*).

A fim de trabalharmos a nossa hipótese de que as modalidades deôntica e volitiva podem conduzir a uma noção de futuridade, começaremos por uma abordagem das relações entre a categoria modalidade e a futuridade na primeira seção. Em seguida, discorreremos acerca das categorias tempo e modo e a expressão da noção de futuridade, para, posteriormente, apresentarmos a metodologia que será empregada neste estudo e a descrição e análise das ocorrências de futuridade nos discursos de investidura selecionadas para a composição do corpus. Por fim, nas considerações finais, tecemos algumas observações com base na discussão dos resultados e da literatura empreendida para o embasamento teórico desta pesquisa, especificamente, a

tipologia das modalidades de Hengeveld (2004), que foi revista e atualizada na Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008).

Modalidade e futuridade

Sabe-se que a expressão da subjetividade em uma dada língua pode ser expressa pelos mais diferentes meios, sejam eles linguísticos ou não-linguísticos (gestos, expressões faciais, entonação da voz, etc.), haja vista que o falante constrói o seu enunciado buscando as melhores expressões linguísticas para sinalizar o seu julgamento, sua avaliação acerca das coisas que o rodeiam. Ao adentrarmos no estudo dessas “marcas”, adentramos no domínio da modalidade, que, segundo Palmer (1986), está, diretamente, relacionada com a expressão da subjetividade do falante que, ao fazer uso dos mais variados recursos linguísticos, manifesta suas crenças e opiniões ao(s) ouvinte(s).

De acordo com Bittencourt (2014), as principais categorias relacionadas com a subjetividade e, portanto, pertencentes ao domínio *irrealis*, é a modalidade (as modalidades não-factuais) e a *futuridade*. Em relação à primeira, Palmer (1986, p. 2) afirma que ela “se relaciona, semanticamente, com todo o enunciado, e não apenas com o verbo primariamente”. Entretanto, os conceitos e classificações que são dados à categoria modalidade são amplos dentro da própria linguística, pois isso se deve as mais diferentes abordagens teóricas a seu respeito, considerando domínios lógicos, semânticos, pragmáticos e discursivos no intuito de defini-la e caracterizá-la.

Na perspectiva do funcionalismo de linha holandesa, especificamente, na tipologia das modalidades de Hengeveld (2004) e na Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008), não se propõe uma definição para a categoria modalidade, pontuando que ela não se mostra como uma categoria semântica única e coerente, ainda que se apresentem as mais diferentes distinções semânticas. Desse modo, esses autores limitam-se apenas a distingui-la com base em dois parâmetros: (i) o *alvo da avaliação* (ou orientação modal), que se refere ao escopo sobre o qual recai a modalidade; e (ii) o *domínio semântico*, que corresponde ao tipo de avaliação modal que se faz do enunciado modalizado.

Em relação à orientação modal, as modalidades podem ser orientadas, conforme Hengeveld (2004) e Hengeveld e Mackenzie (2008), para o Participante, o Evento e a Proposição. As modalidades orientadas para o Participante dizem respeito à relação entre (propriedades de) um participante em um evento e a realização potencial desse evento por parte do participante. As modalidades orientadas para o Evento referem-se à parte descritiva de um enunciado e à asseveração objetiva do status de realização do evento. As modalidades orientadas para a Proposição estão relacionadas à parte do enunciado que representa as visões e as crenças do falante e diz respeito à especificação do grau de comprometimento do falante com relação à proposição que ele apresenta no enunciado modalizado. Com base no domínio semântico, Hengeveld (2004) delimita cinco tipos de modalidade: *facultativa* (que diz respeito às capacidades intrínsecas ou adquiridas), *deôntica* (que concerne o que é legal, social e moralmente permissível, proibitivo ou obrigatório), *epistêmica* (que versa sobre o que é sabido em relação ao mundo real), *evidencial* (que se refere à fonte da informação) e *volitiva* (que se refere ao que é desejável ou indesejável).

Dentre estes tipos de modalidade, de acordo com Bittencourt (2014), as que guardam relação com a futuridade são aquelas ditas modalidades *não-factuais* e que expressem valores semânticos de *obrigação*, *volição* e *intenção*. Nesse sentido, tomando por base a tipologia de Hengeveld (2004), apenas as modalidades deôntica e volitiva seriam modalidades *não-factuais*. Em Lyons (1977), Palmer (1986) e Pessoa (2011), constata-se que a modalidade deôntica está relacionada aos valores modais de *obrigação*, *permissão* e *proibição* e, em Oliveira (2017), averiguamos que a modalidade volitiva se relaciona com os valores modais de *desideração*, *optação*, *intenção* e *exortação*. Dessa forma, acreditamos que as modalidades deônticas e volitivas guardam certa relação com a noção de futuridade, tendo em vista que os valores modais deônticos e volitivos incidem sobre eventos que se localizam em um momento posterior ao da enunciação (prospecção futura).

No que diz respeito à futuridade, Lyons (1977) diz que ela inclui um elemento de *predição*, sendo empregado pelo falante por meio de algum tempo futuro e relacionando-se a enunciados não-factuais, que envolvam, necessariamente, suposição, inferência, intenção e desejo. Em língua espanhola, as formas verbais de futuro, de acordo com a Real Academia Espanhola – RAE (2010), sejam elas o futuro simples ou o

futuro composto, são vinculadas ao modo indicativo, bem como a perífrase *ir+a+infinitivo* que, geralmente, é empregada no indicativo, codificando não apenas questões de tempo, mas também de modalidade. Conforme Giomi (2010) e Topor (2011), os morfemas de futuro e a perífrase *ir+a+infinitivo* são empregadas para modalizar as intenções do falante acerca do que se pretende realizar, em que o evento sobre o qual incide o valor modal mostram maior dinamicidade [+ dinâmico] e performatividade [+ diretivo], situados em um futuro próximo ou distante (aspecto *irrealis*).

Santos (2015) estabelece uma diferenciação entre *futuro* e *futuridade*. Conforme a autora, dentro do amplo domínio que a futuridade abarca, já que recobre noções que sinalizam para eventos projetados a partir do momento de fala, há uma projeção *hipotética* [- certeza] que advém do conhecimento experiencial que o falante possui. Por isso, o futuro está contido na futuridade, haja vista que também recobre situações projetadas a partir do momento de fala, no entanto, o futuro é uma previsão de *certeza* proferida pelo falante de que, o evento mencionado por ele na proposição irá se concretizar, ou seja, há um maior grau de confiabilidade [+ certeza] de que o estado-de-coisas manifestado será potencializado. Dessa forma, temos que a expressão do futuro, segundo a autora, nas línguas naturais, pode ser marcada tanto por meio de tempos verbais quanto pela distinção entre acontecimentos *realis* e *irrealis*.

Ainda que a futuridade seja considerada apenas como uma função temporal (codificada nas línguas naturais) é impossível que se descreva e se analise a futuridade sem que se considere outros aspectos, em especial, a relação entre o tempo e modo, já que se referem a configuração do significado das formas verbais. Isso se deve, segundo Ferreira (2016), porque a futuridade envolve a codificação de pelo menos duas categorias funcionais, no caso, o tempo e o modo, pois a semântica dessas categorias está conectada com conceitos fundamentais para o pensamento humano, como as noções de tempo, de ação e do evento.

As categorias tempo e modo na expressão da noção de futuridade

De acordo com Givón (2001), a categoria tempo é, essencialmente, pragmática, haja vista que se baseia no contexto do discurso, fazendo referência a um ponto

específico externo à proposição. Em outras palavras, o tempo é uma categoria dêitica e que faz referência a um acontecimento no mundo, identificando uma situação enunciada em relação ao momento de fala. Segundo Santos (2015), o tempo é codificado nas línguas naturais de duas maneiras distintas, sendo por meio do tempo verbal (*tense*) ou do aspecto, valores que são expressos por um verbo de significação plena ou por algum verbo auxiliar.

Em conformidade com Santos (2015), o tempo verbal é uma categoria gramatical relacionada à expressão de referência temporal de uma dada língua natural, codificando a relação entre dois pontos distintos no momento de fala, podendo ser de anterioridade, de simultaneidade ou de posterioridade no decorrer da própria dimensão *linear do tempo*. A categoria semântica de tempo é definida, segundo a autora, como a noção de demarcação dos acontecimentos enunciados no momento de fala, o que, em consonância com Hengeveld e Mackenzie (2008), é entendida como uma categoria semântica secundária, especializada para designar categorias temporais ligadas a uma interpretação contextual no momento da enunciação, em que o falante estabelece posições relativas na linha do tempo, por exemplo, *hoje, no próximo ano, antes da sexta-feira, segunda-feira, no dia de natal, etc.*

Conforme Santos (2015), a maioria das línguas naturais codificam três tempos verbais absolutos, são eles: o *presente*, o *passado* e o *futuro* (a língua espanhola ainda codifica um quarto tempo verbal, o *condicional*). Tais codificações de tempo verbal são estabelecidas a partir do momento de fala, que é dito pelo falante como o *ponto de referência zero* ou *centro dêitico*. Ainda segundo a autora, quando o falante pretende fazer uma marcação de tempo no seu discurso, ele organiza, cronologicamente, o momento de fala, o momento do evento e o momento de referência. Para isso, é preciso que o falante faça uma seleção entre uma ou outra referência temporal por meio de *morfemas, adjuntos, etc.* Ao se fazer a codificação de tempo, acrescenta a autora, falante e ouvinte codificam que o *presente* equivale ao momento de fala, que o *passado* refere-se a algo que ocorreu anteriormente em relação ao centro dêitico, e que o *futuro* é dependente do desenvolvimento dos fatos a partir do presente, podendo coincidir ou não com o momento de referência, mas sabendo-se que o momento do evento é sempre posterior ao momento da enunciação (prospecção futura).

Acreditamos que haja uma estreita relação entre a expressão de noção de futuridade e as modalidades deôntica e volitiva, pois ambos os tipos de modalidade tem origem na função desiderativa da linguagem, como aponta Lyons (1977), uma vez que as funções desiderativas e instrumentais da linguagem servem tanto para expressar ou para designar as vontades e os desejos (modalidade volitiva) quanto para conseguir que algo seja feito a partir da imposição da própria vontade a outros agentes (modalidade deôntica), incidindo sobre eventos que se localizam em um momento posterior ao da enunciação (prospecção futura). Segundo Giomi (2010), as predições feitas pelo falante, geralmente manifestadas por meio de morfemas que marcam, morfossintaticamente, o futuro, tem sua origem nos desejos e vontades (função desiderativa), culminando na manifestação das intenções do falante. O que se assemelha ao que é proposto por Bybee, Pagliuca e Perkins (1994, p. 256) para o processo de gramaticalização do futuro nas línguas naturais. Vejamos o Quadro 1:

Quadro 1: Processo de gramaticalização do futuro

| |
|--|
| DESEJO > VONTADE > INTENÇÃO > PREDIÇÃO |
|--|

Fonte: Traduzido de Bybee, Pagliuca e Perkins (1994, p. 256)

Em relação à categoria modo, Palmer (1986) esclarece-nos que, tradicionalmente, ela também é expressa na morfologia verbal das línguas, assim como o tempo. Em outras palavras, para o autor, o modo é uma categoria morfossintática do verbo, ainda que sua função semântica tenha relação com todo o enunciado. De acordo com a RAE (2010), no que concernem aos modos verbais em língua espanhola, tradicionalmente, são previstos apenas três modos: o *indicativo*, o *subjuntivo* e o *imperativo*. Por meio do modo indicativo, o falante faz a atribuição de eventos em que a realização é entendida como real. Em contrapartida, ao fazer uso do modo subjuntivo, o falante faz referência a eventos em que a realização é entendida como incerta, improvável, duvidosa ou irreal. Por sua vez, com o modo imperativo, o falante manifesta noções de ordem, mandado ou comando. Dessa forma, podemos estabelecer, para esses três tipos de modo verbais duas noções modais: *realis* e *irrealis*. Para o indicativo, atribui-se ao aspecto *realis*, enquanto, para os modos subjuntivo e imperativo, ao aspecto *irrealis*.

Para as funções modais de deonticidade e volitividade (relativas ao aspecto *irrealis*) que serão analisadas em nosso corpus, acreditamos que haja um valor secundário de futuridade implícito, haja vista que as modalizações deônticas e volitivas podem conter a noção semântica de futuro, ainda que se empregue o presente em termos de marcação morfossintática, projetando os estados-de-coisas para um momento posterior ao momento de fala, atribuindo ao enunciado modalizado o desejo e a intenção (valores modais volitivos) ou a obrigação (valor modal deôntico) de realização do evento manifestado. Reiteramos que, por não se tratar de alguma localização de um evento em um momento posterior ao momento da fala, quando empregado alguma perífrase de futuro, por exemplo, não é possível que se reconheça a função temporal, mas a função modal.

Dessa forma, as modalidades deôntica e volitiva não são empregados para marcar temporalidade, em que se define um tempo específico em um momento futuro, mas para manifestar a modalidade, em que a noção de futuridade se restringe ao estado-de-coisas (evento) que tem localização em um tempo futuro (prospecção futura) e com o valor modal situado no momento da enunciação, como veremos na seção seguinte, em que apresentaremos a metodologia empregada para esta pesquisa e a descrição e análise das modalidades deôntica e volitiva e as noções de futuro deôntico e volitivo (GIOMI, 2010).

Metodologia e análise das ocorrências de expressão de futuridade

Para a descrição e análise das modalidades deôntica e volitiva e as noções de futuridade, especificamente, as noções de futuro deôntico e volitivo (GIOMI, 2010), optamos pelos *discursos de investidura*¹ de Pedro Sánchez que foi candidato a primeiro ministro do governo espanhol no ano de 2016, como podemos ver no Quadro 2:

Quadro 2: Os discursos de investidura de Pedro Sánchez

| Discursos de Investidura | Data | Link da página web |
|--------------------------|---------------------|--|
| Pedro Sánchez (D1) | 01 de março de 2016 | Disponível em: < https://bit.ly/2DmpDVt >. |
| Pedro Sánchez (D2) | 04 de março de | Disponível em: |

¹ Os discursos de investidura de Pedro Sánchez foram acessados em 08 fev. 2019.

| | | |
|--------------------|----------------------|--|
| | 2016 | < https://bit.ly/2osWpyA >. |
| Pedro Sánchez (D3) | 31 de agosto de 2016 | Disponível em: < https://bit.ly/2nkvel8 >. |

Fonte: Elaborado pelo autor

Os discursos de investidura foram escolhidos, para esta pesquisa, em virtude da argumentatividade empreendida pelo falante (candidato a primeiro ministro do governo espanhol). De acordo com Álvarez e Chumaceiro (2009), eles correspondem ao gênero da comunicação política no qual o candidato a um determinado cargo político se articula para manifestar o que lhe parece desejável (o que favorece o aparecimento do “elemento do desejo”) em relação aos temas de interesse político, econômico e social. Segundo as autoras, os discursos de investidura correspondem ao conjunto de textos, oralizados, mas, previamente, escritos pelo candidato para serem proferidos antes da realização das eleições. Esses textos oralizados são proferidos por aqueles que as autoras nomeiam de “atores sociais” (políticos, chefes de estado, altas autoridades); que participam ativamente na condução de uma sociedade organizada, que os leva a direcionarem suas palavras nesse sentido, de persuadir os eleitores (modalidade deôntica) acerca do que prediz as normas e regras políticas vigentes em seu país e/ou expressar o que lhes parece desejável (modalidade volitiva) a respeito de seu plano de governo.

Sabendo-se destas características inerentes aos discursos de investidura, acreditávamos que haveria uma quantidade expressiva de modalizações deônticas e volitivas nos discursos de investidura de Pedro Sánchez, cujos dados foram analisados com base no programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 22 para o Windows, como podemos averiguar na Tabela 1:

Tabela 1: Frequência das modalidades deôntica e volitiva nos discursos de investidura de Pedro Sánchez

| Domínio Semântico | Frequência | Porcentagem (%) |
|-------------------|------------|-----------------|
| Volitiva | 106 | 68,8 |
| Deôntica | 48 | 31,2 |
| Total | 154 | 100 |

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados extraídos do SPSS

Ao analisarmos a Tabela 1, constatamos que houve uma maior frequência de modalidade volitiva que deôntica, o que se explica, tendo em mente que, ao discursar

para o Parlamento Espanhol e, sabendo-se que ainda não possui a autoridade suficiente para impor-lhes algum tipo de “ordem” ou “mandado”, fosse mais conveniente manifestar-lhes o que seriam seus desejos e intenções acerca de temáticas de cunho político, econômico, social, etc., expressando-lhes suas pretensões no que tangem às suas futuras ações políticas, caso venha a ser primeiro ministro. Vejamos (1) e (2):

(1) “Estoy comprometido con la defensa de la Constitución y de la ley. Pero no quiero quedarme solo en la ley. Quiero ayudar a un nuevo entendimiento entre catalanes, y entre éstos y el resto de compatriotas españoles. Hablo de tender puentes y de volver a sentirnos todos, parte de un proyecto común que es España”. (D₁)²

(2) “[...] *debemos regenerar* nuestra democracia, racionalizar nuestra arquitectura institucional y blindar los derechos sociales, como la sanidad, como derechos fundamentales en esa nueva Constitución”. (D₂)³

Em (1), temos um caso de modalização volitiva em que o falante expressa por meio do modalizador *querer*, a sua intenção (o que é evidenciado pelo emprego da primeira pessoa do singular, *quiero*), em relação aos eventos sobre os quais incidem a volição, respectivamente, de não permanecer apenas restrito ao que dita a lei e de ajudar no entendimento entre o governo espanhol e o governo catalão na busca da unidade política para o país.⁴ Constatamos que a volição expressa está situada no momento de fala (quando o candidato a primeiro ministro profere o discurso), enquanto o evento está localizado em um momento posterior ao da enunciação (prospecção futura). Ainda que o falante empregue o presente do indicativo (marcação morfossintática), comprovamos que, em relação ao tempo (categoria semântica), a intenção de concretização do evento manifestado é posterior ao resultado das eleições, ou seja, após a sua eleição (*quando eleito*) é que o falante pretende concretizar o que é por ele volicionado.

Em (2), verificamos um caso de modalidade deôntica, em que o falante faz emprego do modalizador *deber* para instaurar a obrigação tanto sobre a sua pessoa

² Estou me comprometendo com a defesa da Constituição e da lei. No entanto, não quero deter-me apenas na lei. Quero ajudar em um novo entendimento entre os catalães, e entre eles e os demais compatriotas espanhóis. Refiro-me a construir elos e de voltarmos a nos sentir integrantes de um projeto comum que é a Espanha (tradução livre).

³ Devemos reerguer a nossa democracia, racionalizar nossa arquitetura institucional e blindar os direitos sociais, como a saúde, como direitos fundamentais nessa nova Constituição (tradução livre).

⁴ Pedro Sánchez faz referência ao sentimento separatista predominante na região da Catalunha.

como a todo o Parlamento Espanhol, o que é evidenciado pelo emprego da primeira pessoa do plural, *debemos*, acerca do evento sobre o qual incide a deonticidade, no caso, regenerar a democracia, o corpo institucional e os direitos sociais com base na nova Constituição Espanhola. Atestamos que a obrigação (valor modal) instaurada pelo falante tem por referência o momento de fala, mas com o evento também situado em um momento posterior (projeção futura). Em outras palavras, caso ele seja eleito, é o que tanto ele quanto os demais membros do Parlamento Espanhol estariam obrigados a fazer, em virtude das responsabilidades políticas que lhes caberiam e que são regidas pela Constituição Espanhola.

Com base em Giomi (2010), pensamos que os desejos e vontades do falante podem originar em *intenções* (modalidade volitiva) que reflitam o que ele aprecia como sendo bom e agradável (o seu ponto de vista acerca do evento sobre o qual incide a intenção), levando-o a fazer *predições* que sejam interpretadas pelo(s) ouvinte(s) como a pretensão (volição) de realização do evento manifestado. Nesse sentido, as intenções manifestadas pelo falante podem conduzir ao emprego do *futuro volitivo*, marcado, morfossintaticamente, pelo futuro simples do espanhol. Como a modalidade deôntica também tem origem na função desiderativa da linguagem (LYONS, 1977), em que os desejos do falante podem conduzir a instauração de *obrigações* impostas por um conjunto de leis e normas sociais, políticas ou econômicas, que motivem o falante a agir como um “porta-voz” daquilo que é legalmente, moralmente e socialmente aceito, ponderamos que o emprego da marcação morfossintática do futuro simples pode levar a uma interpretação semântica da prospecção futura, conduzindo, conforme Giomi (2010), a um tipo de *futuro deôntico*.

O Quadro 3 traz uma síntese das noções de futuro deôntico e volitivo com base em Giomi (2010):

Quadro 3: O emprego do futuro com base nas modalidades deôntica e volitiva

| |
|--|
| <p>MODALIDADE VOLITIVA (o que é bom, agradável e desejável)</p> <p>ELEMENTO DO DESEJO → INTENÇÃO → FUTURO VOLITIVO</p> |
| <p>MODALIDADE DEÔNTICA (o que legal, moral e socialmente aceito)</p> <p>ELEMENTO DO DESEJO → OBRIGAÇÃO → FUTURO DEÔNTICO</p> |

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Giomi (2010)

De acordo com Giomi (2010), as modalidades deôntica e volitiva são por vezes intituladas de *modalidades-orientadas-para-o-futuro*, pois os eventos sobre os quais recaem os valores modais deônticos e volitivos situam-se em um momento posterior ao da enunciação. Nesse sentido, conforme o autor, os usos deônticos e volitivos do futuro do indicativo recebem sempre uma interpretação temporal de posterioridade em termos daquilo que é enunciado pelo falante, como nos exemplos: *Agora você me dirá a verdade* (uma mãe falando para o filho – futuro deôntico) / *Neste momento não farei declarações* (futuro volitivo) (GIOMI, 2010, p. 95); em que os advérbios temporais *agora* e *neste momento* podem ser apenas interpretados como um tipo de *presente alargado*, incluindo, pois, um futuro imediato.

Em relação à frequência dos tipos de futuro deôntico e volitivo, por meio do emprego do futuro simples do espanhol, encontrados no corpus, consultemos a Tabela 2:

Tabela 2: Frequência dos tipos de futuro nos discursos de investidura de Pedro Sánchez

| Tipo de Futuro | Frequência | Porcentagem (%) |
|----------------|------------|-----------------|
| Volitivo | 35 | 67,3 |
| Deôntico | 17 | 32,7 |
| Total | 52 | 100 |

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados extraídos do SPSS

A partir do que é exposto na Tabela 2, constatamos que o futuro volitivo foi o mais empregado pelo candidato, já que averiguamos uma maior frequência de modalizações volitivas funcionando como “sinalizadores” de um *ato ilocutório optativo* (GIOMI, 2010) em relação ao emprego do futuro simples do espanhol, induzindo, dessa forma, a uma leitura volitiva do futuro, quando empregado pelo candidato ao governo espanhol ao expressar seus desejos, vontades ou intenções acerca daquilo que ele espera que seja concretizado em seu mandato. Em relação à modalidade deôntica, os modalizadores deônticos funcionariam como “sinalizadores” de um *ato ilocutório diretivo* (GIOMI, 2010) no que diz respeito ao uso do futuro simples, pois incidem sobre a performatividade do evento que é designado no enunciado em termos do que é aceito legalmente da parte de um governo acerca de suas ações políticas. Vejamos (3) e (4):

(3) “Demasiadas veces, señorías, unos y otros hemos cometido el error de pensar, y decir, que la corrupción es solo un problema del adversario. Por eso, yo no voy a caer en “y tú más” y *volcaré* desde el Gobierno *todo el esfuerzo en prevenir, combatir y castigar con contundencia la corrupción*, con medidas que *espero* cuenten con el respaldo mayoritario de esta Cámara”. (D1)⁵

(4) “Así que, *tenemos que impulsar* un nuevo modelo de crecimiento inclusivo, medioambientalmente sostenible y fundamentado en la productividad, la estabilidad presupuestaria y un sistema fiscal justo y suficiente como proponemos, precisamente, en el Acuerdo que sustenta mi propuesta de Gobierno. En este sentido, *implementaremos medidas para mejorar la competencia en los mercados, fortalecer el gobierno corporativo* y a favor de una economía inclusiva. *Promocionaremos e incentivaremos* fiscalmente *la economía social*, con reformas de la Ley de Cooperativas y de la Ley de Mecenazgo. *Promoveremos medidas en defensa de los consumidores*, en especial de los de productos financieros y de los más vulnerables, a través de un nuevo Código de Consumo y de una Ley de Segunda Oportunidad”. (D1)⁶

Em (3), a modalidade volitiva é instaurada por meio do verbo pleno *esperar*, em que a volição incide sobre o evento volicionado, no caso, o apoio dos demais membros do parlamento para as medidas de anticorrupção que serão propostas pelo candidato. A volição manifestada pelo candidato está ancorada no ato ilocutório optativo (*volcaré todo el esfuerzo en prevenir, combatir y castigar con contundencia la corrupción*), em que o candidato manifesta o propósito de investir todo esforço na prevenção e no combate a corrupção. A leitura volitiva do futuro simples (futuro volitivo) é atenuada pela não controlabilidade [- controle] do evento que é pretendido pelo candidato, haja vista que, ainda que ele invista todos os seus esforços em combater e prevenir a corrupção (intenção), deverá contar com o apoio dos demais membros do Parlamento Espanhol para que aquilo que por ele é volicionado (combater e prevenir a corrupção), possa de alguma forma se concretizar.

⁵ Muitas vezes, senhoras e senhores, cometemos o erro de pensar e dizer que a corrupção é apenas um problema do adversário. Por isso, não vou cair em "você e mais" e investirei a partir do meu Governo todo o esforço em prevenir, combater e punir a corrupção com força, com medidas que espero que tenham o apoio maioritário desta Câmara (tradução livre).

⁶ Por isso, temos que promover um novo modelo de crescimento inclusivo, ambientalmente sustentável e baseado na produtividade, estabilidade orçamentária e um sistema fiscal justo e suficiente como propomos, precisamente, no Acordo que sustenta a minha proposta de Governo. Nesse sentido, vamos implementar medidas para melhorar a concorrência nos mercados, fortalecer a governança corporativa e em favor de uma economia inclusiva. Promoveremos e incentivaremos fiscalmente a economia social, com reformas da Lei das Cooperativas e da Lei do Patrocínio. Promoveremos medidas em defesa dos consumidores, especialmente os de produtos financeiros e dos mais vulneráveis, por meio de um novo Código do Consumidor e uma Lei de Segunda Oportunidade (tradução livre).

Dessa forma, em (3), na expectativa de contar com o apoio dos demais membros do parlamento (elemento do desejo), faz com que o candidato manifeste a pretensão de combater e prevenir a corrupção (intenção), fazendo com que ele profira um ato ilocutório optativo com o futuro simples do espanhol (futuro volitivo) [ELEMENTO DO DESEJO→INTENÇÃO→FUTURO VOLITIVO]. De acordo com Giomi (2010), os usos volitivos do futuro podem referir-se aos desejos e esperanças do falante ou expressar suas intenções (ou de um participante expresso no predicado) ao proferir um ato ilocutório optativo, em que o valor volitivo, que é atribuído ao enunciado, emerge a partir do estado-de-coisas que é descrito e ancorado pelo verbo (conjugado no futuro), tratando-se de algo não controlado [- controle] da parte do falante (ou do participante expresso no predicado), como no exemplo: *Amanhã ganharei o Euromilhões* (GIOMI, 2010, p. 113).

Em (4), a modalidade deôntica é instaurada por meio da perífrase *tener+que+infinitivo*, em que a obrigação recai tanto na pessoa do candidato, como futuro primeiro ministro, quanto nos demais membros do Parlamento Espanhol (o que é evidenciado pelo uso da primeira pessoa do plural, *tenemos*), no que tange ao crescimento inclusivo e sustentável do meio ambiente, baseado na produtividade e na estabilidade orçamentária e em um sistema fiscal justo e suficiente. Ao instaurar a deonticidade, o falante passa a proferir uma série de atos ilocutórios diretivos ao fazer uso do futuro simples do espanhol (futuro deôntico), em que a leitura deôntica do futuro incide sobre eventos que precisam ser performatizados (ancorados pela instauração da modalidade deôntica) e dos quais o falante e os demais membros do Parlamento Espanhol teriam controle sobre o estado-de-coisas [+ controle], no caso, a implementação de medidas que melhorem a concorrência nos mercados, promoção da economia fiscal e medidas que promovam a defesa dos consumidores.

Desse modo, em (4), averiguamos que, com base no acordo que sustenta a sua proposta de governo e no que ele pretende realizar em termos de ações políticas (elemento do desejo), conduz ao candidato a instaurar aquilo que é imposto legalmente e moralmente (obrigação) em termos de ações políticas a todos os membros do Parlamento Espanhol, levando-o a proferir atos ilocutórios diretivos ao fazer uso do futuro simples (futuro deôntico) [ELEMENTO DO DESEJO → OBRIGAÇÃO→FUTURO DEÔNTICO]. Segundo Giomi (2010), ao ser empregado o

futuro deôntico, o falante descreve estados-de-coisas de prospecção futura que envolve o ouvinte, em que o falante ordena, pede, sugere, propõe ou permite que aquele se envolva no evento que é designado no ato ilocutório diretivo, em que o valor modal do futuro simples é claramente deôntico, tendo a força modal máxima, como no exemplo, no qual o Juiz profere que o acusado permanecerá preso: *O arguido ficará em prisão preventiva até à próxima audiência* (GIOMI, 2010, p. 108).

Sabendo-se que as modalizações deônticas e volitivas podem conduzir a uma leitura diferenciada no uso do futuro simples do espanhol, pareceu-nos oportuno, fazermos uma análise do tempo e modo verbais (em termos da marcação morfossintática) empregados pelo candidato ao proferir seu discurso de investidura. Vejamos a Tabela 3 que nos traz a inter-relação entre o domínio semântico (o tipo de modalidade) e o tempo verbal:

Tabela 3: Cruzamento entre o domínio semântico e o tempo verbal nos discursos de investidura de Pedro Sánchez

| Domínio Semântico | Tempo | | | | Total |
|-------------------|-------------|-----------|-----------|-------------|-------------|
| | Presente | Pretérito | Futuro | Condicional | |
| Volitiva | 98 (63,6%) | 02 (1,3%) | 06 (3,9%) | 00 (0,0%) | 106 (68,8%) |
| Deôntica | 41 (26,6%) | 00 (0,0%) | 04 (2,6%) | 03 (1,9%) | 48 (31,2%) |
| Total | 139 (90,3%) | 02 (1,3%) | 10 (6,5%) | 03 (1,9%) | 154 (100%) |

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados extraídos do SPSS

Com base na Tabela 3, constatamos que as modalidades deôntica e volitiva foram instauradas, majoritariamente, por meio do presente. De acordo com Oliveira (2015, 2017), o emprego do presente se justifica, pois há uma pretensão do falante de situar a volição e a obrigação para o momento da enunciação, ainda que o evento sobre o qual incida o valor modal esteja localizado em um momento posterior (prospecção futura). Segundo o autor, o uso do presente, para a modalidade volitiva, pode ainda asseverar a pretensão de performatização do evento volicionado pelo falante, cuja determinação de concretização é interior ao falante, originada da sua vontade ou intenção. Para a modalidade deôntica, ainda conforme o autor, o uso do presente atenua os deveres que são impostos ao falante (ou a um terceiro-reportado, podendo ser um indivíduo em particular ou uma instituição específica) ou acerca daquilo que é referente às normas de conduta. Vejamos (5) e (6):

(5) “Los españoles vamos así a pagar dos veces el hecho de que usted antepusiera los intereses de su partido sobre los intereses generales de España. Ese es, y no otro, el tipo de actitud que *queremos desterrar* de nuestra vida política mediante compromisos como los que hoy presento aquí, que buscan situar los intereses de la gente por delante del egoísmo de partido”. (D1)⁷

(6) “Ningún país puede hacer frente por sí solo ni a la crisis económica, ni al cambio Climático, al terrorismo, al crimen organizado, a las epidemias o a las pandemias. Por un lado, *debemos establecer* normas vinculantes a escala internacional, sean cuotas de emisión de CO₂ o reglas contra la corrupción, la evasión fiscal y el blanqueo de capitales”. (D1)⁸

Em (5), verificamos um caso de modalidade volitiva, instaurada por meio do verbo léxico *querer* em uma construção perifrástica com verbo no infinitivo, *desterrar*, na qual o falante faz uso do modal *querer* para fazer referência à intencionalidade de seu partido político (o que fica evidenciado pelo uso da primeira pessoa do plural, *queremos*), em que o evento volicionado consiste em acabar com os interesses dos partidos políticos, para que se pensem apenas nos interesses do povo. Em (6), constatamos um caso de modalidade deôntica, em que o falante emprega o modal *deber* em uma construção perifrástica com verbo no infinitivo, *establecer*, para instaurar a obrigação, que recai tanto sobre ele como futuro primeiro ministro quanto aos demais membros do Parlamento Espanhol (o que é verificado pelo uso da primeira pessoa do plural, *debemos*), em que a obrigação instaurada remete ao combate da crise econômica, as mudanças climáticas, o terrorismo, o crime organizado, as epidemias e as pandemias.

Em (5) e (6), acreditamos que o uso do presente do indicativo não apenas situa o valor modal instaurado para o momento da enunciação, podendo também, em (5), expressar a modalidade volitiva de forma mais pontual e assertiva no momento em que é instaurada pelo falante, garantindo ao ouvinte uma maior probabilidade de concretização do evento intencionado, no caso, colocar em primeiro plano os interesses do povo e não os interesses partidários, em que a leitura volitiva do

⁷ Os espanhóis vão pagar duas vezes pelo fato de o senhor colocar os interesses do seu partido diante dos interesses gerais da Espanha. Isto é, e não outro, o tipo de atitude que queremos banir da nossa vida política através de compromissos como os quais apresento aqui hoje, que procuram colocar os interesses pessoais à frente do egoísmo partidário (tradução livre).

⁸ Nenhum país pode enfrentar sozinho a crise econômica, ou a mudança climática, o terrorismo, o crime organizado, epidemias ou pandemias. Por um lado, temos de estabelecer normas internacionalmente vinculativas, sejam elas quotas de emissão de CO₂ ou regras anticorrupção, evasão fiscal e a lavagem de dinheiro (tradução livre).

enunciado é favorecida pela não controlabilidade do estado-de-coisas [- controle]; e, em (6), tornar a modalidade deôntica menos impositiva da parte do falante, o que é reforçado pelo emprego da primeira pessoa do plural (*debemos*), e o enunciado modalizado deonticamente mais objetivo, haja vista que remete a uma prescrição em termos de normas de conduta que regem os parlamentares espanhóis, em questão, o combate ao terrorismo e ao crime organizado, em que a leitura deôntica é favorecida pela controlabilidade do estado-de-coisas [+ controle], haja vista que ações políticas podem erradicar ou amenizar o evento sobre o qual incide a deonticidade.

No que diz respeito ao modo verbal, fizemos também o cruzamento entre o domínio semântico e o modo verbal. Vejamos a Tabela 4:

Tabela 4: Cruzamento entre o domínio semântico e o modo verbal nos discursos de investidura de Pedro Sánchez

| Domínio Semântico | Modo Verbal | | Total |
|-------------------|-------------|------------|--------------|
| | Indicativo | Subjuntivo | |
| Volitiva | 103 (66,9%) | 03 (1,9%) | 106 (68,8%) |
| Deôntica | 47 (30,5%) | 01 (0,6%) | 48 (31,2%) |
| Total | 150 (97,4%) | 04 (2,6%) | 154 (100,0%) |

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados extraídos do SPSS

De acordo com a Tabela 4, averiguamos que ambas as modalidades foram instauradas no modo indicativo. Conforme Oliveira (2017), a modalidade volitiva instaurada no modo indicativo atenua a força ilocucionária da volição expressa pelo falante em relação ao evento sobre o qual ela incide, produzindo, no ouvinte, o efeito de sentido de que aquilo que é volicionado refere-se a algo que é apreciado pelo falante como algo bom e agradável, garantindo a possibilidade de concretização, quando o falante tem controle sobre o estado-de-coisas [+ controle], ou asseverar o desejo sobre um evento do qual ele não tem controle [- controle], mas espera que se concretize. Para Lopes (2015), a instauração da modalidade deôntica no modo indicativo mitiga a força ilocucionária dos valores modais deônticos, geralmente prescritivos ou impositivos acerca do que é legalmente, socialmente e moralmente aceito em termos de conduta, pois, ao interagir com os seus ouvintes, o candidato a primeiro ministro tenderia a não projetar uma imagem autoritária da sua pessoa, restringindo-se apenas a prescrever as obrigações e os deveres inerentes ao cargo político que ele e os demais membros do Parlamento Espanhol exercem. Vejamos (7) e (8):

(7) “Por eso *queremos aprobar* una ley de igualdad de trato no discriminación”. (D2)⁹

(8) “Porque todos los ciudadanos *deben tener* cabida en un proyecto de cambio, independientemente de su edad o condición, de su ideología, su lugar de nacimiento o de a quien hayan votado”. (D1)¹⁰

Em (7), a modalidade volitiva é instaurada por meio do verbo modal *querer* em construção perifrástica com um verbo no infinitivo, *aprobar*, em que o candidato a primeiro ministro manifesta a intenção (volição) de seu partido (que fica evidenciado pelo emprego da primeira pessoa do plural, *queremos*) em relação ao evento volicionado que consiste na aprovação de uma lei de equiparidade no tratamento da discriminação. O evento intencionado pelo falante guarda uma projeção futura, ainda que seja empregado o presente do indicativo, estando o valor modal, que é referente à predição, relacionado ao momento de fala. O candidato faz referência a outros tipos de discriminação que ainda não são previstos pela Constituição Espanhola e que, o partido ao qual faz parte, espera que sejam sancionadas pelo Parlamento Espanhol, tendo em vista as mudanças que a sociedade espanhola sofreu desde a promulgação da Constituição de 1978. Nesse sentido, o emprego do presente do indicativo, não apenas localiza o valor modal para o momento da enunciação, como atenua a volição expressa, já que se trata de um estado-de-coisas do qual tanto ele quanto o seu partido não têm total controle [- controle], pois precisaria do apoio dos demais membros do Parlamento Espanhol.

Em (8), a modalidade deôntica instaurada por meio do modal *deber* também em construção perifrástica com um verbo no infinitivo, *tener*, recai sobre todos os cidadãos (autoridade do ato modal, evidenciada pelo uso da terceira pessoa do plural, *deben*) em relação à obrigatoriedade de estarem incluídos, independentemente da sua idade, condição, ideologia, sua procedência ou em quem tenha votado, nos projetos que são elaborados e aprovados pelo Parlamento Espanhol. O falante restringe-se a prescrever uma obrigação que é inerente a todos os cidadãos espanhóis e que deve ser legitimada pelos representantes do povo (os políticos que compõem o Parlamento

⁹ Por isso queremos aprovar uma lei sobre igualdade de tratamento e de não discriminação (tradução livre).

¹⁰ Porque todos os cidadãos devem ter um lugar resguardado no projeto de mudança, independentemente de sua idade ou condição, sua ideologia, seu local de nascimento ou para quem tenham votado (tradução livre).

Espanhol), em que o enunciado modalizado deonticamente é de caráter objetivo, referente à normas e regras de conduta inerente a todos os que exercem um cargo político. Desse modo, o emprego do modo indicativo, não apenas situa a necessidade deôntica (obrigação) de cumprimento do que é imposto aos políticos espanhóis para o momento de fala, como mitiga a força ilocucionária do valor modal deôntico instaurado, manifestado com base no que é legalmente, socialmente e moralmente aceito em termos de conduta política.

Considerações finais

A partir da descrição e análise das modalidades deôntica e volitiva encontradas nos discursos de investidura de Pedro Sánchez, pudemos verificar que houve uma maior instauração de modalidade volitiva (68,8%), enquanto a modalidade deôntica (31,2%) foi menos instaurada pelo candidato, haja vista que fosse mais convincente, da parte do candidato, manifestar as suas intenções e pretensões acerca do que lhe parecia desejável performatizar em termos de ações políticas que prescrever, aos demais membros do Parlamento Espanhol, as obrigações e deveres que lhes são inerentes em virtude do cargo político do qual estão investidos, o que faria com que seu discurso parecesse menos “autoritário”.

Averiguamos também que as noções de futuridade desprendidas a partir da instauração das referidas modalidades devem-se ao caráter desiderativo da linguagem do qual elas se originam (LYONS, 1977) em que, para a modalidade volitiva, os desejos e vontades do falante derivam em intenções que, por sua vez, culminam em predições que poderão ser interpretadas pelos ouvintes como a pretensão de performatização futura do evento sobre o qual incide a volição; enquanto, para a modalidade deôntica, os desejos do falante podem levar a instauração de obrigações que são impostas a partir do que é legalmente, moralmente e socialmente aceito em termos de conduta, fazendo com que aquele atue e aja como um “porta-voz” dos atos deônticos que ele mesmo prescreve em seu discurso.

Constatamos que as modalidades deôntica e volitiva podem funcionar como “sinalizadoras” de uma possível diferenciação semântica em termos da prospecção futura implicada pelos modais deônticos e volitivos ao tomarem por escopo ou

circundarem os atos ilocutórios empregados pelo falante por meio do futuro simples do espanhol. Nesse sentido, a noção semântica de futuro volitivo (67,3%) advém dos atos ilocutórios optativos, em que os usos volitivos do futuro são oriundos dos desejos, esperanças e intenções do falante acerca de estados-de-coisas pouco controlados [- controle] ancorados por meio do emprego do futuro simples; enquanto a noção semântica de futuro deôntico (32,7%) advém dos atos ilocutórios diretivos, em que o falante descreve estado-de-coisas mais controlados [+ controle], aportados por meio do uso do futuro simples, que envolvem o ouvinte, na medida em que aquele ordena, pede, sugere ou permita que este se envolva no evento sobre o qual incide a atitude modal deôntica.

Em relação às categorias tempo e modo, apuramos que o presente (90,3%) foi o mais utilizado pelo candidato tanto para a modalidade volitiva, em que há uma atenuação da pretensão de performatização do evento volicionado, quanto para a modalidade deôntica, em que há uma asseveração dos deveres e obrigações que são impostas ao falante e/ou aos demais membros do Parlamento Espanhol. O indicativo (97,4%) foi o mais empregado para a instauração de ambas as modalidades, pois há uma atenuação da volitividade articulada, já que se refere a algo que é apreciado como bom e agradável da parte do candidato, garantindo a possibilidade de concretização do estado-de-coisas, desde que ele tenha controle [+ controle] sobre o evento volicionado ou quando se trata de um evento do qual ele não tenha controle [- controle], mas ele espera que se performatizem; enquanto a deonticidade é mitigada, haja vista que os valores modais deônticos instaurados pelo candidato, ao interagir com seus ouvintes, restringem-se apenas a prescrever as obrigações e os deveres inerentes ao cargo político que ele e os demais membros do Parlamento Espanhol exercem, afastando, pois, uma possível imagem de “autoritarismo” da parte do candidato.

Por fim, acreditamos que os resultados desprendidos da descrição e análise das modalidades deôntica e volitiva e da sua relação com a noção de futuridade, apontados nesta pesquisa, possam de alguma forma contribuir em estudos futuros que busquem “delimitar” ou “apontar” possíveis diferenciações entre ambas as modalidades, principalmente, no tocante às noções de futuro deôntico e volitivo, como foi abordado nesta pesquisa.

Referências

- ÁLVAREZ, A. CHUMACEIRO, I. El discurso de investidura en la reelección de Uribe y de Chávez. *Revista Forma y Función*, v. 22, nº 2, p. 13-42, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2swuykw>>. Acesso em: 09 dez. 2017.
- BITTENCOURT, D. L. R. *O domínio funcional do futuro do subjuntivo: entre temporalidade e modalidade*. 2014. 345f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<http://zip.net/bytHRN>>. Acesso em: 25 mar. 2017.
- BYBEE, J. L.; PAGLIUCA, W.; PERKINS, R. D. Back to the Future. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). *The Evolution of Grammar: Tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: The University Chicago Press, 1994.
- FERREIRA, C. P. *Tempo e modalidade na aquisição de espanhol, língua materna: um estudo das formas verbais de futuro*. 2016. 221f. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://bit.ly/2keiUnH>>. Acesso em: 18 dez. 2017.
- GIOMI, R. *Para uma caracterização semântica do futuro sintético românico: descrição e análise dos valores do futuro do indicativo em Português e em Italiano*. 2010. 232f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Geral e Românica, Universidade de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <<http://zip.net/bdtGNc>>. Acesso em: 18 mar. 2017.
- GIVÓN, T. *Syntax: An Introduction*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- HENGEVELD, K. Illocution, mood, and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (Ed.). *Morphology: a handbook on inflection and word formation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically based theory of language structure*. Oxford: Oxford Linguistics, 2008.
- LOPES, M. F. S. *Uma análise funcionalista da modalidade deôntica na coluna Confronto das Ideias do jornal “O Povo”*. 2015. 147f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <<https://bit.ly/2DJoF7m>>. Acesso em: 25 nov. 2018.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- OLIVEIRA, A. S. *La modalidad deôntica en lengua española: un análisis funcionalista en editoriales*. 2015. 136f. Monografia (Graduação em Letras Espanhol) – Departamento de Letras

Estrangeiras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <<https://bit.ly/2ECchIb>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

_____. *Modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica*. 2017. 310f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/2odUwqY>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PESSOA, N. P. *Modalidade deôntica e discurso midiático: uma análise baseada na Gramática Discursivo-Funcional*. 2011. 224f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <<http://zip.net/bvtHQN>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Nueva Gramática de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Libros, 2010.

SANTOS, V. C. *Intenção e desejo: os usos de querer com implicaturas de futuridade*. 2015. 133f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<http://zip.net/bxtHTW>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

TOPOR, M. *Perífrasis verbales del español y rumano un estudio contrastivo*. 2011. 722f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Lleida, Leida. Disponível em: <<http://zip.net/bktsjX>> Acesso em: 18 mar. 2016.

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará.